ReGeo
ISSN: 2177-3246

FUNDAMENTOS PAYOTIANOS DO TRABALHO INTELECTUAL E DA ESCRITA CIENTÍFICA NA FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA

PAYOTIAN FOUNDATIONS OF INTELLECTUAL WORK AND SCIENTIFIC WRITING IN UNIVERSITY EDUCATION

FUNDAMENTOS PAYOTIANOS DEL TRABAJO INTELECTUAL Y DE LA ESCRITURA CIENTÍFICA EN LA FORMACIÓN UNIVERSITARIA

10.56238/revgeov17n3-105

Carlos José de Melo Moreira
Pós-Doutor em Educação
Instituição: Universidade Federal do Maranhão (UFMA)
E-mail: carlos.moreira@ufma.br
Orcid: https://orcid.org/0009-0006-3116-3760
Lattes: http://lattes.cnpq.br/9019908682723815

Verônica Lima Carneiro Moreira
Pós-Doutora em Educação
Instituição: Universidade Federal do Maranhão (UFMA)
E-mail: veronica.carneiro@ufma.br
Orcid: https://orcid.org/0009-0005-3291-4784
Lattes: http://lattes.cnpq.br/7825456970088645

RESUMO
O debate contemporâneo sobre a formação universitária tem sido marcado por preocupações relativas à dispersão cognitiva, à aceleração informacional e à fragilização dos hábitos de estudo no contexto da cultura digital. Nesse cenário, torna-se pertinente revisitar fundamentos pedagógicos que enfatizem a disciplina intelectual e o rigor formativo no trabalho acadêmico. Esta pesquisa parte da seguinte questão norteadora: quais contribuições o pensamento pedagógico de Jules Payot oferece para a formação do trabalho intelectual e da escrita científica na universidade contemporânea, especialmente no contexto da cultura digital? O objetivo geral consiste em analisar os fundamentos payotianos da educação da vontade, da arte de escrever e do trabalho intelectual, investigando sua pertinência para a formação universitária contemporânea. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica e de orientação hermenêutico-interpretativa, baseada na análise das obras A educação da vontade (1895), A arte de aprender a escrever (1914) e Trabalho intelectual: depois da educação da vontade (1921), em diálogo com autores da filosofia da educação, da psicologia da educação e da epistemologia do trabalho acadêmico. Os resultados indicam que Payot concebe o desenvolvimento intelectual como processo formativo sustentado pela autodisciplina, pela organização metódica do estudo e pelo cultivo de hábitos duradouros de reflexão e escrita. Conclui-se que a pedagogia payotiana oferece contribuições relevantes para o fortalecimento da autonomia intelectual, da ética da pesquisa e da consolidação de práticas formativas mais rigorosas no ensino superior, especialmente diante dos desafios impostos pelas tecnologias digitais e pela economia contemporânea da atenção.

Palavras-chave: Autodisciplina. Hábitos de Estudo. Ética da Pesquisa. Metodologia Científica. Cultura Digital.

ABSTRACT
The contemporary debate on university education has been marked by concerns related to cognitive dispersion, informational acceleration, and the weakening of study habits in the context of digital culture. In this scenario, it becomes pertinent to revisit pedagogical foundations that emphasize intellectual discipline and formative rigor in academic work. This research is guided by the following question: What contributions does the pedagogical thought of Jules Payot offer to the development of intellectual work and scientific writing in the contemporary university, especially within the context of digital culture? The general objective is to analyze the Payotian foundations of the education of the will, the art of writing, and intellectual work, investigating their relevance for contemporary university education. Methodologically, this study adopts a qualitative approach of bibliographic nature and hermeneutic-interpretative orientation, based on the analysis of the works The Education of the Will (1895), The Art of Learning to Write (1914), and Intellectual Work: After the Education of the Will (1921), in dialogue with authors from the philosophy of education, educational psychology, and the epistemology of academic work. The results indicate that Payot conceives intellectual development as a formative process sustained by self-discipline, the methodical organization of study, and the cultivation of enduring habits of reflection and writing. It is concluded that Payotian pedagogy offers relevant contributions to strengthening intellectual autonomy, research ethics, and the consolidation of more rigorous formative practices in higher education, especially in view of the challenges imposed by digital technologies and the contemporary economy of attention.

Keywords: Self-Discipline. Study Habits. Research Ethics. Scientific Methodology. Digital Culture.

RESUMEN
El debate contemporáneo sobre la formación universitaria ha estado marcado por preocupaciones relacionadas con la dispersión cognitiva, la aceleración informacional y el debilitamiento de los hábitos de estudio en el contexto de la cultura digital. En este escenario, resulta pertinente revisitar fundamentos pedagógicos que destaquen la disciplina intelectual y el rigor formativo en el trabajo académico. Esta investigación parte de la siguiente pregunta orientadora: ¿Qué contribuciones ofrece el pensamiento pedagógico de Jules Payot a la formación del trabajo intelectual y de la escritura científica en la universidad contemporánea, especialmente en el contexto de la cultura digital? El objetivo general consiste en analizar los fundamentos payotianos de la educación de la voluntad, del arte de escribir y del trabajo intelectual, examinando su pertinencia para la formación universitaria contemporánea. Metodológicamente, se trata de una investigación cualitativa, de naturaleza bibliográfica y orientación hermenéutico-interpretativa, basada en el análisis de las obras La educación de la voluntad (1895), El arte de aprender a escribir (1914) y Trabajo intelectual: después de la educación de la voluntad (1921), en diálogo con autores de la filosofía de la educación y de la epistemología del trabajo académico. Los resultados indican que Payot concibe el desarrollo intelectual como un proceso formativo sustentado por la autodisciplina, la organización metódica del estudio y el cultivo de hábitos duraderos de reflexión y escritura. Se concluye que la pedagogía payotiana ofrece aportes relevantes para fortalecer la autonomía intelectual, la ética de la investigación y prácticas formativas rigurosas en la educación superior frente a los desafíos contemporáneos.

Palabras clave: Autodisciplina. Hábitos de Estudio. Ética de la Investigación. Metodología Científica. Cultura Digital.

1 INTRODUÇÃO

A formação universitária contemporânea encontra-se inserida em um cenário profundamente desafiador, marcado pela expansão das tecnologias digitais, pela intensificação dos fluxos informacionais e pela crescente aceleração dos processos de produção e circulação do conhecimento. A cultura digital, caracterizada pela hiperconectividade, pela instantaneidade das comunicações e pela multiplicidade de estímulos cognitivos, tem transformado significativamente as práticas de estudo, leitura e escrita no ensino superior. Nesse contexto, destaca-se também a rápida difusão das tecnologias baseadas em inteligência artificial, que passaram a ocupar lugar crescente nos processos de pesquisa, produção textual, organização de dados e sistematização de informações acadêmicas. Ferramentas de IA generativa, capazes de sintetizar conteúdos, produzir textos e auxiliar na análise de grandes volumes de dados, ampliam as possibilidades de investigação e podem contribuir para o desenvolvimento de novas metodologias de pesquisa.

Entretanto, o uso crescente dessas tecnologias também suscita questões epistemológicas e pedagógicas relevantes, sobretudo no que se refere à autonomia intelectual do pesquisador, ao rigor metodológico e à autoria no processo de produção do conhecimento científico. Se, por um lado, tais recursos ampliam o acesso à informação e potencializam novas formas de investigação acadêmica, por outro, também produzem desafios importantes para a consolidação de hábitos intelectuais rigorosos, para a formação crítica do pesquisador e para o desenvolvimento de uma escrita científica reflexiva, capaz de articular interpretação, argumentação e elaboração conceitual própria. Nesse sentido, o cenário contemporâneo exige repensar os fundamentos da formação intelectual na universidade, especialmente no que diz respeito ao cultivo da atenção, da disciplina do estudo e da responsabilidade epistemológica na produção do conhecimento.

No campo da educação e da cultura contemporânea, autoras como Sibilia (2012) e Kenski (2012) assinalam que a expansão das tecnologias digitais intensificou a aceleração dos fluxos informacionais e a dispersão da atenção, criando condições pouco favoráveis ao pensamento aprofundado e reforçando formas fragmentadas e superficiais de apropriação do conhecimento.

Nesse contexto, práticas tradicionais do trabalho intelectual, como a leitura prolongada, a concentração reflexiva, a elaboração conceitual e a escrita sistemática, passam a enfrentar obstáculos relacionados à fragmentação do tempo e à sobrecarga informacional. A própria experiência acadêmica tende a ser impactada por tais transformações, uma vez que estudantes e pesquisadores se veem constantemente expostos a múltiplas demandas cognitivas, plataformas digitais e fluxos contínuos de informação. Como observa Han (2015), a sociedade do desempenho e da hiperatividade tende a produzir sujeitos permanentemente conectados, mas frequentemente privados de condições favoráveis ao pensamento profundo e à reflexão crítica.

Nesse cenário, torna-se pertinente revisitar tradições pedagógicas e filosóficas que tenham refletido sobre a formação intelectual do estudante-pesquisador, sobre a disciplina do pensamento e sobre a ética do trabalho acadêmico. Entre esses autores, destaca-se Jules Payot (1859-1940), educador e acadêmico francês cuja obra se insere no contexto da pedagogia moral e republicana da Terceira República Francesa. Doutor em filosofia e atuante na administração educacional francesa, Payot dedicou parte significativa de sua produção intelectual à reflexão sobre a formação do caráter, o cultivo da vontade, a arte de escrever e a disciplina do trabalho intelectual.

Em obras como A educação da vontade (1895), A arte de aprender a escrever (1914) e Trabalho intelectual: depois da educação da vontade (1921), Payot desenvolve uma reflexão sistemática sobre a relação entre autodisciplina, método e produção intelectual. Para o autor, o sucesso no campo do conhecimento não depende exclusivamente de talentos naturais ou de capacidades cognitivas inatas, mas, sobretudo da formação de hábitos intelectuais consistentes, do exercício da vontade e da organização metódica do trabalho acadêmico. O trabalho intelectual, nesse sentido, constitui uma prática formativa que envolve não apenas competências técnicas, mas também dimensões éticas, psicológicas e morais.

A atualidade dessas reflexões torna-se particularmente relevante diante dos desafios impostos pela cultura digital à formação universitária. Em um ambiente marcado pela velocidade da informação e pela multiplicação de conteúdos, a construção de uma atitude intelectual rigorosa exige o desenvolvimento de práticas de estudo disciplinadas, de métodos sistemáticos de leitura e de uma escrita científica capaz de articular clareza conceitual, rigor argumentativo e autonomia reflexiva. Retomar a obra de Payot, portanto, permite recolocar em debate fundamentos pedagógicos que valorizam a formação do caráter intelectual, a perseverança no estudo e a construção progressiva de hábitos de pensamento crítico.

Nesse contexto, esta pesquisa parte da seguinte questão norteadora: - quais contribuições o pensamento pedagógico de Jules Payot oferece para a formação do trabalho intelectual e da escrita científica na universidade contemporânea, especialmente no contexto da cultura digital?

Diante dessa problemática, o objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar os fundamentos pedagógicos presentes nas obras de Jules Payot, A educação da vontade (1895), A arte de aprender a escrever (1914) e Trabalho intelectual: depois da educação da vontade (1921), investigando suas contribuições para a formação do estudante-pesquisador e para o desenvolvimento da escrita científica na formação universitária contemporânea**.**

Para alcançar esse objetivo geral, foram estabelecidos três objetivos específicos: a) examinar a concepção payotiana de educação da vontade e sua relação com a formação de hábitos intelectuais; b) analisar a compreensão de trabalho intelectual como prática metódica de organização do estudo e da

produção do conhecimento; e c) investigar a função formativa da escrita na elaboração do pensamento científico e na construção da autonomia intelectual do estudante-pesquisador**.**

A pesquisa procura identificar elementos conceituais presentes na obra de Payot que possam contribuir para a compreensão das práticas acadêmicas contemporâneas, especialmente no que se refere à formação do estudante-pesquisador universitário, à educação da vontade, à organização do trabalho intelectual e ao desenvolvimento da escrita científica como prática formativa.

Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa (Minayo, 2012), de natureza bibliográfica (Gil, 2008), orientada por um método hermenêutico-interpretativo (Gadamer, 1999), adequado à análise de textos filosóficos e pedagógicos. O *corpus* central da investigação é constituído por três obras de Jules Payot, A educação da vontade (1895), A arte de aprender a escrever (1914) e Trabalho intelectual: depois da educação da vontade (1921). A análise dessas três obras é realizada por meio de leitura exploratória e analítica, seguida da identificação e categorização temática de conceitos centrais, como vontade, disciplina intelectual, método de estudo e prática da escrita. Em uma etapa posterior, procede-se à interpretação crítica desses conceitos, articulando-os com contribuições contemporâneas da filosofia da educação, da psicologia da educação e da epistemologia do trabalho científico.

Nesse diálogo teórico, mobilizam-se referências clássicas e atuais que discutem a formação intelectual, a autonomia do sujeito e os processos de construção do conhecimento, como Kant (2003), ao tratar da formação da autonomia; Bourdieu (1996), ao analisar a constituição do *habitus* acadêmico; Foucault (2004), acerca das práticas de si e da formação ética do sujeito; e Han (2015), ao problematizar os impactos da sociedade do desempenho sobre a atenção e a concentração.

No campo da psicologia da educação, dialoga-se também com autores que investigam os processos cognitivos e motivacionais envolvidos na aprendizagem e na formação intelectual, como Vygotsky (2007), ao enfatizar a dimensão sociocultural do desenvolvimento cognitivo; Zimmerman (2002), sobre autorregulação da aprendizagem; Hattie (2017), acerca dos fatores que influenciam o desempenho acadêmico; e Dweck (2017), ao discutir a importância das concepções de esforço e mentalidade de crescimento no desenvolvimento de competências intelectuais.

Somam-se a essas contribuições reflexões contemporâneas sobre formação universitária e trabalho acadêmico presentes em autores como Charlot (2000), Morin (2000), Sennett (2009), Severino (2016) e Eco (2017), que discutem as condições epistemológicas, metodológicas e formativas da produção científica. Tal procedimento analítico permite situar o pensamento de Payot em diálogo crítico com debates atuais sobre a formação do estudante-pesquisador, os hábitos intelectuais e as exigências éticas e metodológicas do trabalho acadêmico na universidade contemporânea.

A relevância desta pesquisa justifica-se pela necessidade de fortalecer os fundamentos ético-filosóficos, psicológicos e metodológicos da formação universitária em um contexto marcado pela

expansão das tecnologias digitais, pela crescente utilização de inteligências artificiais nos processos acadêmicos e pelos desafios que tais transformações impõem à autonomia intelectual, à autoria e ao rigor na produção do conhecimento científico. Ao revisitar o pensamento de Jules Payot, esta pesquisa procura contribuir para o debate sobre a formação do estudante-pesquisador, destacando a importância do cultivo da autodisciplina, da organização metódica do trabalho intelectual e da escrita científica como prática de elaboração conceitual, reflexão crítica e construção do pensamento próprio. Nesse sentido, pretende-se oferecer fundamentos teórico-práticos que contribuam para o fortalecimento de processos formativos mais rigorosos, críticos e reflexivos no ensino superior, reafirmando o valor formativo do trabalho intelectual e da autonomia do pensamento na universidade contemporânea.

Para desenvolver esta investigação, o artigo está organizado em cinco seções, sendo a primeira seção esta Introdução**.** A segunda seção, A pedagogia da vontade e a formação dos hábitos intelectuais, que examina os fundamentos pedagógicos presentes na obra A educação da vontade (1895). A análise discute a relação entre autodisciplina, formação do caráter intelectual e construção de hábitos de estudo, elementos considerados essenciais para o desenvolvimento do trabalho intelectual.

A terceira seção, Trabalho intelectual, método e formação do estudante-pesquisador, analisa a obra Trabalho intelectual: depois da educação da vontade (1921), investigando a concepção payotiana de trabalho intelectual como prática metódica de organização do estudo e da produção científica.

A quarta seção, Escrita científica e a elaboração do pensamento próprio, examina a obra A arte de aprender a escrever (1914), compreendendo a escrita como exercício formativo de clareza conceitual e organização do próprio pensamento. Por fim, a quinta seção apresenta as Considerações finais, retomando a questão de pesquisa e sintetizando as contribuições da pedagogia de Payot para a formação universitária do estudante-pesquisador na era digital.

2 A PEDAGOGIA DA VONTADE E A FORMAÇÃO DOS HÁBITOS INTELECTUAIS

Esta seção tem como objetivo examinar os fundamentos pedagógicos da educação da vontade, na obra A educação da vontade (1895), de Jules Payot, analisando sua contribuição para a formação de hábitos intelectuais, para a autodisciplina do estudo e para o desenvolvimento do trabalho intelectual na formação universitária contemporânea. Parte-se do pressuposto de que, na era digital, a formação do estudante-pesquisador enfrenta desafios significativos relacionados à dispersão da atenção, à fragmentação do tempo de estudo e à pulverização da vontade em contextos marcados pela hiperconectividade (SIBILIA, 2012; KENSKI, 2012).

A análise desenvolvida nesta seção segue o procedimento metodológico adotado na pesquisa, baseado na leitura exploratória e analítica da obra de Payot e na identificação de categorias centrais de análise, especialmente os conceitos de vontade, disciplina intelectual, método de estudo e formação de hábitos intelectuais.

A cultura digital ampliou exponencialmente o acesso à informação e transformou profundamente as formas de produção, circulação e apropriação do conhecimento. Entretanto, estudos indicam que esse novo ambiente comunicacional também intensificou processos de dispersão cognitiva, superficialidade da leitura e instabilidade da atenção, afetando diretamente as condições de formação intelectual no mundo contemporâneo (SIBILIA, 2012; KENSKI, 2012). A multiplicação de estímulos informacionais e a velocidade das interações digitais tendem a favorecer práticas de leitura fragmentada e consumo rápido de conteúdos, deslocando o foco das atividades que exigem continuidade, reflexão e elaboração conceitual mais rigorosa.

Nesse cenário, o ambiente informacional contemporâneo, marcado por notificações incessantes, múltiplas plataformas e fluxos contínuos de dados, contribui para o enfraquecimento de práticas intelectuais que dependem de concentração prolongada e reflexão sistemática.

Autores como Han (2015) e Carr (2011) têm destacado que a crise da atenção constitui um dos grandes desafios da formação intelectual contemporânea, uma vez que a lógica da hiperconectividade e da circulação permanente de informações tende a fragmentar a experiência cognitiva e a dificultar processos mais lentos e reflexivos de construção do conhecimento. Carr (2011) observa que a navegação contínua entre múltiplos estímulos digitais altera os modos de leitura e de processamento da informação, favorecendo formas rápidas de apreensão do conteúdo, porém frequentemente superficiais.

Em perspectiva convergente, Han (2015), ao analisar a chamada “sociedade do desempenho”, argumenta que a multiplicação de estímulos e exigências produz sujeitos permanentemente ativos e conectados, mas frequentemente incapazes de sustentar experiências prolongadas de atenção e interioridade. Assim, a reflexão de Jules Payot sobre a disciplina da mente e o cultivo da atenção intelectual adquire renovada atualidade, ao enfatizar a necessidade de formar hábitos de concentração, perseverança e autodireção do pensamento como condições fundamentais para o trabalho intelectual e para a escrita científica.

A crise contemporânea da atenção repercute diretamente na organização da vontade intelectual. O que se observa, com frequência crescente, é um processo que pode ser descrito como pulverização da vontade, isto é, a dificuldade de orientar e sustentar o esforço intelectual em torno de objetivos formativos de longo prazo. A cultura da instantaneidade e da gratificação imediata tende a enfraquecer práticas de estudo que exigem continuidade, rigor e maturação reflexiva, favorecendo modos de aprendizagem fragmentados e descontínuos. Como observa Sennett (2009), o trabalho intelectual, assim como qualquer forma de trabalho qualificado, depende de processos prolongados de dedicação, paciência e aperfeiçoamento gradual, condições que entram em tensão com a lógica acelerada da cultura capitalista contemporânea. Nesse sentido, a categoria da vontade torna-se central para compreender o trabalho intelectual não apenas como atividade cognitiva, mas como prática formativa

que exige autodisciplina, persistência e organização consciente do esforço intelectual ao longo do tempo.

Nesse contexto, torna-se particularmente relevante revisitar reflexões pedagógicas que enfatizam a função da vontade, da disciplina intelectual e da formação do caráter no processo educativo. É nesse horizonte que se insere a obra do pedagogo e acadêmico francês Jules Payot. Em A educação da vontade, publicada originalmente em 1895, o autor desenvolve uma reflexão sistemática sobre os fundamentos psicológicos e pedagógicos do trabalho intelectual, defendendo que o sucesso nos estudos depende menos de talentos naturais e mais da formação de hábitos mentais disciplinados. A obra pode ser compreendida como uma investigação sobre os mecanismos psicológicos, ético-filosóficos e pedagógicos que tornam possível a formação de disposições intelectuais duradouras, fundamentais para a consolidação do trabalho científico.

Para compreender com maior precisão os fundamentos dessa proposta pedagógica, torna-se necessário apresentar brevemente a estrutura conceitual da obra, A educação da vontade, na qual Payot organiza sua reflexão em duas grandes dimensões: uma parte teórica, dedicada à análise psicológica da vontade, dividida em três livros e onze capítulos; e uma parte prática, voltada à formação de hábitos intelectuais no cotidiano do estudo, dividida em dois livros e seis capítulos.

Na parte teórica de A educação da vontade, Jules Payot desenvolve uma reflexão sistemática sobre os fundamentos psicológicos e pedagógicos do esforço intelectual e da formação do caráter. O Livro I, Preliminares, composto pelos três primeiros capítulos, introduz o problema central da obra: a constatação de que muitos estudantes fracassam nos estudos não por falta de inteligência, mas pela incapacidade de organizar e fortalecer a própria vontade e disciplinar o trabalho intelectual. Payot identifica na natureza humana uma tendência recorrente à dispersão da atenção, a falta de higiene corporal, aos devaneios, aos vícios da sensualidade, à passividade e ao abandono do esforço intelectual prolongado.

Em sua análise, muitos fracassos no percurso formativo não decorrem da ausência de inteligência, mas da fragilidade da vontade, da preguiça e da dificuldade de sustentar o trabalho intelectual de maneira constante e disciplinada. O autor observa que aquilo que frequentemente se manifesta como desinteresse, leviandade ou dissipação corresponde, em grande medida, a uma inclinação humana ao evitamento do esforço prolongado, revelando uma espécie de preguiça intelectual estrutural que tende a afastar o estudante das exigências de concentração, perseverança e rigor próprias do trabalho intelectual (Payot, 1895).

No Livro II, A psicologia da vontade, o autor aprofunda essa análise ao examinar os mecanismos internos que estruturam a ação voluntária. Nos três capítulos dessa parte, Payot discute a relação entre vontade, hábitos mentais e vida afetiva, demonstrando que ela não constitui uma faculdade espontânea ou natural, mas uma capacidade que se forma progressivamente por meio do

exercício e da repetição disciplinada. Essa concepção aproxima-se da ideia de que o trabalho intelectual depende da formação de disposições cognitivas e afetivas relativamente estáveis, capazes de sustentar a continuidade do esforço de estudo ao longo do tempo.

A categoria da vontade aparece, portanto, como princípio explicativo central da formação intelectual. Para Payot, ela pode manifestar-se como vontade fraca, submetida às inclinações imediatas e à dispersão do esforço, ou como vontade forte, capaz de orientar conscientemente a conduta do estudante em direção a objetivos formativos mais elevados. É essa vontade forte que permite disciplinar a atenção, organizar o trabalho intelectual e consolidar hábitos duradouros de estudo. Nesse sentido, a formação da vontade aproxima-se de uma tradição filosófica mais ampla que compreende o hábito como dimensão estruturante do caráter intelectual, pois, conforme Aristóteles, as disposições humanas se formam pela repetição das práticas e pela disciplina das ações (Aristóteles, 2010). No campo educacional, esse processo contribui para a constituição de disposições relativamente duradouras de pensamento e ação, próximas ao que Bourdieu denomina *habitus*, isto é, sistemas de disposições incorporadas que orientam práticas e modos de pensar no interior de determinados campos sociais (Bourdieu, 1996).

No Livro III, Os meios interiores, composto por cinco capítulos, o autor explora os recursos psicológicos que permitem fortalecer a vontade, como o cultivo de ideais intelectuais, a formação de hábitos mentais estáveis, a disciplina na administração do tempo, o domínio das distrações e dos entretenimentos, o controle dos devaneios, da sensualidade e das inclinações hedonistas, bem como o exercício constante da reflexão orientada pela realidade. Nessa perspectiva, a educação da vontade aparece como um processo formativo interior, no qual o estudante-pesquisador aprende a governar sua própria vida intelectual por meio da autodisciplina, da constância, da paciência e da organização metódica do estudo. Nesse ponto, emerge claramente a segunda categoria central desta análise: a disciplina intelectual, entendida como a capacidade de orientar o próprio pensamento por meio de práticas regulares de pesquisa, leitura crítica da realidade, reflexão sistemática e escrita própria.

A parte prática da obra, por sua vez, traduz esses fundamentos teóricos em orientações concretas voltadas à organização do trabalho intelectual. No Livro IV, As mediações particulares, estruturado em quatro capítulos, Payot apresenta estratégias específicas destinadas a fortalecer a disciplina do estudo, enfatizando práticas como a organização do tempo, a regularidade das atividades intelectuais, a escolha criteriosa das leituras e o combate às distrações que comprometem a concentração. O autor insiste na necessidade de transformar o estudo em hábito cotidiano, sustentado por rotinas intelectuais que favoreçam a continuidade do esforço e a estabilidade da atenção. Nesse ponto, torna-se evidente a terceira categoria analítica identificada na metodologia: o método de estudo, compreendido como conjunto de práticas organizadas que estruturam o trabalho intelectual e possibilitam a consolidação de hábitos de aprendizagem duradouros.

No Livro V, Os recursos do meio, composto por dois capítulos, Payot amplia a análise ao considerar a influência do ambiente social e institucional na formação da vontade. Nessa parte, o autor discute a função social das instituições educativas, dos mestres e das condições culturais do meio na construção dos hábitos intelectuais. A formação da vontade, portanto, não depende apenas da decisão individual do estudante, mas também de contextos educativos capazes de estimular o trabalho intelectual, a disciplina do pensamento e o cultivo de ideais formativos elevados. Essa perspectiva permite compreender que a formação dos hábitos intelectuais envolve não apenas dimensões individuais, mas também mediações sociais e institucionais que favorecem a consolidação da cultura acadêmica.

Segundo Payot (1895), a inteligência, por si só, não garante o êxito intelectual. Para o autor, os fracassos no percurso formativo dos estudantes não decorrem necessariamente da falta de capacidade intelectual, mas sobretudo da fragilidade da vontade, da preguiça e da dificuldade de sustentar o esforço prolongado exigido pelo trabalho intelectual. Nessa perspectiva, a vontade constitui uma força formativa que deve ser educada progressivamente por meio de exercícios de disciplina, perseverança e organização do tempo de estudo. Assim, o trabalho intelectual é compreendido como uma prática de formação interior que exige tempo, autoconhecimento, autocrítica, autodisciplina, paciência, constância, cuidado e esforço metódico.

A pedagogia da vontade proposta por Payot aproxima-se, em diversos aspectos, de tradições clássicas da filosofia da educação que enfatizam a função social da autonomia e da formação moral no processo educativo. Kant (2003), por exemplo, ao refletir sobre a educação, afirma que a finalidade do processo formativo consiste em conduzir o indivíduo à autonomia, isto é, à capacidade de governar a própria conduta segundo princípios racionais. Para o filósofo, a educação não se limita à transmissão de conhecimentos, mas envolve a formação da capacidade de autodeterminação do sujeito. Nesse sentido, a disciplina intelectual pode ser compreendida como uma dimensão essencial da formação autônoma do indivíduo.

A reflexão de Payot também pode ser compreendida à luz da noção de formação de disposições duradouras discutida por Bourdieu (1996). Para o sociólogo francês, os processos educativos contribuem para a constituição de *habitus*, entendidos como sistemas de disposições relativamente estáveis que orientam percepções, práticas e modos de pensamento. No campo acadêmico, o desenvolvimento de hábitos de estudo, de leitura crítica e de organização do trabalho intelectual constitui parte fundamental da formação do *habitus* científico. Assim, a pedagogia da vontade pode ser interpretada como um processo de formação de disposições intelectuais que favorecem a consolidação do trabalho acadêmico.

Além disso, as reflexões de Payot podem ser aproximadas das análises de Foucault (2004) sobre as chamadas “práticas de si”. Para o filósofo, a formação do sujeito envolve processos de exercício e

autocondução por meio dos quais o indivíduo aprende a governar suas próprias ações e pensamentos. O trabalho intelectual, nesse sentido, pode ser compreendido como uma prática ética de formação de si, na qual o estudante aprende a disciplinar a atenção, organizar o tempo e cultivar hábitos de reflexão.

No campo da psicologia da educação, reflexões contemporâneas também têm destacado a importância da autorregulação da aprendizagem no desenvolvimento do trabalho intelectual. Zimmerman (2002) define a autorregulação como o processo pelo qual os estudantes planejam, monitoram e avaliam suas próprias estratégias de aprendizagem. Esse processo envolve dimensões cognitivas, motivacionais e comportamentais que permitem ao sujeito organizar o próprio estudo de forma consciente e sistemática.

De modo semelhante, Vygotsky (2007) enfatiza que o desenvolvimento cognitivo ocorre por meio de processos de mediação cultural e social que possibilitam a internalização de formas superiores de pensamento. A formação de hábitos intelectuais não resulta apenas de capacidades individuais, mas também de práticas educativas e contextos culturais que favorecem o desenvolvimento da reflexão e do pensamento crítico.

A pedagogia da vontade, portanto, não se reduz a uma simples defesa do esforço individual. Ela envolve a construção progressiva de condições formativas que permitam ao estudante desenvolver capacidades de concentração, paciência, perseverança e organização intelectual. Nesse sentido, Payot destaca a importância da formação de hábitos cotidianos de estudo, defendendo que o trabalho intelectual deve ser incorporado à vida concreta do estudante como prática regular e disciplinada, semelhante a outras atividades formativas que exigem constância e dedicação (Payot, 1895). A repetição sistemática dessas práticas constitui o fundamento da formação dos hábitos intelectuais e da consolidação das disposições necessárias ao trabalho científico.

Ao considerar o contexto contemporâneo da formação universitária, marcado por desafios relacionados à dispersão da atenção e à instabilidade das práticas de estudo, a pedagogia da vontade proposta por Payot revela-se particularmente atual. Em um ambiente acadêmico no qual o acesso à informação tornou-se praticamente ilimitado, o problema central já não reside apenas na disponibilidade de conteúdos, mas na capacidade de organizar o pensamento, sustentar a atenção e elaborar reflexões rigorosas a partir da realidade.

Desse modo, retomar a reflexão payotiana permite recolocar no centro do debate educacional a importância da disciplina intelectual, da formação de hábitos de estudo e do desenvolvimento da vontade como dimensões fundamentais da formação universitária. A educação da vontade, longe de representar uma perspectiva moralista ou individualista, pode ser compreendida como um processo formativo que articula contribuições da psicologia, da filosofia e da sociologia. Nesse horizonte, a formação intelectual aproxima-se daquilo que Michel Foucault (1985; 2006) denomina cuidado de si, entendido como um conjunto de práticas reflexivas por meio das quais o sujeito aprende a governar a

si mesmo, organizar o próprio tempo, orientar sua conduta e cultivar disposições éticas e intelectuais indispensáveis ao exercício da liberdade e da vida reflexiva.

À luz dessas considerações, torna-se possível compreender que a pedagogia da vontade constitui um elemento estruturante do trabalho intelectual. A formação do estudante-pesquisador não se reduz à aquisição de conteúdos ou ao domínio de técnicas acadêmicas, mas envolve o desenvolvimento de disposições intelectuais duradouras, como atenção, perseverança, autodisciplina e organização consciente do esforço cognitivo. Nesse sentido, a obra de Jules Payot oferece importantes subsídios para a reflexão contemporânea sobre a formação universitária, especialmente no que se refere à construção de hábitos intelectuais capazes de sustentar práticas acadêmicas rigorosas, reflexivas e eticamente comprometidas com a produção do conhecimento científico, tanto na graduação quanto na pós-graduação.

3 TRABALHO INTELECTUAL, MÉTODO E FORMAÇÃO DO ESTUDANTE-PESQUISADOR

Esta seção tem como objetivo analisar a concepção de trabalho intelectual presente na obra Trabalho intelectual: depois da educação da vontade (1921), de Jules Payot, investigando como o autor compreende o trabalho acadêmico como prática metódica de formação intelectual. A análise segue o procedimento metodológico adotado, na identificação e categorização de conceitos centrais, especialmente trabalho intelectual, método de estudo, disciplina do pensamento, administração do tempo e prática da escrita, e na interpretação crítica dessas categorias em diálogo com contribuições contemporâneas da filosofia da educação, da psicologia da educação e da epistemologia do trabalho científico.

Na tradição universitária, o trabalho intelectual constitui um dos pilares da formação acadêmica. Contudo, no contexto contemporâneo marcado pela aceleração informacional, pela multiplicação de fontes de conhecimento e pela crescente presença de tecnologias digitais e inteligências artificiais nos processos de pesquisa, torna-se cada vez mais necessário refletir sobre os fundamentos metodológicos que sustentam a produção do conhecimento científico. A abundância de informações disponíveis não garante, por si só, a construção de saberes rigorosos, pois o desenvolvimento do pensamento científico depende da formação de hábitos intelectuais disciplinados, de métodos de estudo sistemáticos e de práticas reflexivas de leitura crítica e escrita própria. Como observa Morin (2000), um dos desafios centrais da educação contemporânea consiste em superar a fragmentação do conhecimento e desenvolver formas de pensamento capazes de articular complexidade, reflexão crítica e rigor intelectual.

Nesse cenário, Jules Payot propõe compreender o trabalho intelectual como atividade que exige organização metódica, disciplina da atenção e continuidade do esforço. Para o autor, o estudo não pode

ser reduzido a momentos ocasionais de inspiração ou a práticas desordenadas e superficiais de leitura, mas deve constituir uma atividade sistemática que estrutura a vida intelectual do estudante-pesquisador. Payot sustenta que a formação acadêmica exige objetividade e método, pois o progresso intelectual resulta da continuidade do esforço disciplinado ao longo do tempo (PAYOT, 1921). Essa concepção aproxima-se da ideia de que o conhecimento científico se desenvolve por meio de processos cumulativos de investigação e reflexão, nos quais o estudante aprende progressivamente a organizar seu pensamento e a estruturar sua relação com o saber.

A obra, Trabalho intelectual: depois da educação da vontade, representa um aprofundamento metodológico das reflexões pedagógicas desenvolvidas por Payot em sua obra anterior, dedicada à educação da vontade. Enquanto naquele primeiro momento o autor enfatiza a função formativa da vontade e da autodisciplina na vida intelectual, neste livro ele se dedica a examinar de maneira mais sistemática as condições concretas que permitem transformar essa disposição em prática efetiva de trabalho intelectual.

O Livro I, intitulado Amar o trabalho e saber trabalhar, reúne quatro capítulos nos quais Payot analisa os fundamentos éticos e pedagógicos da atividade intelectual. No primeiro capítulo, o autor afirma que todo progresso intelectual depende do desenvolvimento de uma disposição positiva em relação ao trabalho, defendendo que o estudante deve aprender a reconhecer no esforço intelectual não um peso, mas uma dimensão constitutiva de sua própria formação. No capítulo seguinte, ao discutir a diferença entre inteligência verdadeira e pseudo-trabalho, Payot critica práticas acadêmicas superficiais baseadas no acúmulo desordenado de informações ou na repetição mecânica de conteúdos, argumentando que o verdadeiro trabalho intelectual exige reflexão, organização do pensamento e elaboração crítica do conhecimento a partir da realidade pesquisada (PAYOT, 1921).

Nos capítulos subsequentes, dedicados à ideia de “saber trabalhar” e ao estudo de alguns grandes homens, o autor procura demonstrar que o desenvolvimento intelectual não depende exclusivamente de talentos naturais, mas, sobretudo da incorporação de hábitos metodológicos que estruturam a vida intelectual. Assim, a obra evidencia que categorias como disciplina do pensamento, regularidade do estudo e organização metódica do trabalho constituem elementos centrais da formação intelectual.

A segunda parte do livro, reunida sob o título, Os fundamentos psicológicos de um bom método de trabalho, desloca a análise para o plano propriamente psicológico da atividade intelectual. Nessa parte, Payot examina processos cognitivos fundamentais para o desenvolvimento do trabalho intelectual, como a atenção, a memória e a leitura ativa.

No capítulo dedicado à atenção, o autor argumenta que a concentração constitui uma das condições essenciais da vida intelectual, pois somente por meio da atenção prolongada a mente é capaz de aprofundar ideias e integrá-las em estruturas conceituais mais complexas.

Em seguida, ao tratar da memória, Payot critica concepções puramente mecânicas da memorização, defendendo que a memória intelectual se fortalece, sobretudo quando associada à compreensão, as experiências e vivências da realidade e à reflexão aprofundada. O capítulo dedicado à aprendizagem por meio dos livros aprofunda a análise da leitura como prática formativa central do trabalho intelectual, destacando que o estudante-pesquisador precisa aprender a ler de forma ativa, comparando ideias, elaborando sínteses e registrando suas próprias interpretações, de modo a evitar as chamadas pseudo-leituras, marcadas pela inércia intelectual e pela assimilação superficial e acrítica dos conteúdos.

Por fim, ao discutir o método nas diversas disciplinas, o autor demonstra que, embora cada campo do saber possua procedimentos específicos de investigação, todos compartilham princípios metodológicos comuns, como rigor analítico, organização do pensamento e disciplina intelectual. Desse modo, Payot constrói uma verdadeira pedagogia do método, na qual o trabalho intelectual é compreendido como prática sistemática que articula vontade, realidade, atenção, memória, leitura reflexiva e organização metódica do estudo.

A categoria de método de estudo ocupa lugar central na reflexão payotiana. Para o autor, o método não deve ser compreendido apenas como conjunto de técnicas externas ao processo de aprendizagem, mas como princípio organizador do pensamento. O estudante-pesquisador precisa desenvolver rotinas intelectuais que favoreçam a continuidade da reflexão e a construção progressiva do conhecimento. Isso envolve práticas como leitura analítica, questionamentos, debates, organização de anotações e sistematização das ideias. Payot enfatiza que o estudo desorganizado compromete o desenvolvimento intelectual, pois impede a formação de estruturas cognitivas estáveis. O autor argumenta que o fortalecimento da vontade depende da adoção de práticas metódicas que permitam ordenar o trabalho e perseverar nele (PAYOT, 1921).

Essa concepção dialoga diretamente com reflexões contemporâneas sobre a epistemologia do trabalho científico. Severino (2016) afirma que a produção acadêmica exige organização metodológica rigorosa, pois o conhecimento científico resulta de processos sistemáticos de investigação, análise e argumentação. Para o autor, o estudante universitário precisa aprender a construir um percurso de pesquisa que articule problematização, análise de fontes e elaboração conceitual, desenvolvendo competências metodológicas que sustentem o trabalho intelectual. Nesse sentido, o método constitui elemento estruturante da prática científica e da formação do estudante-pesquisador.

Outro aspecto fundamental na reflexão de Payot refere-se à organização do tempo de estudo. Para o autor, a gestão do tempo constitui uma dimensão essencial da disciplina intelectual. O estudante que deseja desenvolver trabalho acadêmico consistente precisa aprender a distribuir suas atividades de maneira equilibrada, reservando períodos específicos para leitura, reflexão e escrita. A ausência de organização do tempo frequentemente conduz à dispersão das energias intelectuais e à fragmentação

do estudo. Payot observa que muitos estudantes fracassam não por falta de capacidade, mas pela incapacidade de estabelecer rotinas intelectuais estáveis. O autor destaca que a má administração do tempo, a falta de foco e a vontade fraca compromete o desenvolvimento do trabalho intelectual (PAYOT, 1921).

Essa reflexão encontra eco nas análises de Richard Sennett (2009), que discute a relação entre trabalho, disciplina e formação de competências. Para o autor, o desenvolvimento de habilidades intelectuais assemelha-se ao trabalho artesanal, no qual a excelência resulta de dedicação prolongada, repetição e aperfeiçoamento constante. O conhecimento não se forma instantaneamente, mas por meio de processos graduais lentos de aprendizagem e prática. Assim, o trabalho intelectual exige tempo, paciência, continuidade e compromisso com o aperfeiçoamento do pensamento.

Outro elemento central na reflexão payotiana diz respeito à prática da leitura reflexiva desapressada. Para o autor, a leitura desapressada constitui uma das principais ferramentas de formação intelectual, desde que realizada de forma ativa, reflexiva e crítica. Ler não significa apenas acumular informações, mas desenvolver capacidade de análise, comparação, diálogo e síntese conceitual. A leitura acadêmica exige tempo, atenção concentrada, capacidade interpretativa e disposição para confrontar ideias distintas. Payot sustenta que a leitura apressada e superficial compromete o desenvolvimento do pensamento científico, pois impede a construção de estruturas conceituais consistentes e próprias.

Essa perspectiva aproxima-se das reflexões de Bernard Charlot (2000) sobre a relação do sujeito com o saber. Para o autor, o conhecimento não é simplesmente transmitido, mas apropriado pelo sujeito por meio de processos ativos de aprendizagem. O estudante constrói sua relação com o saber a partir de experiências intelectuais que envolvem curiosidade, esforço e reflexão. Nesse sentido, o trabalho intelectual não se limita à aquisição de conteúdos, mas implica a construção de uma relação significativa com o conhecimento a partir da realidade contextualizada historicamente.

Além disso, a prática do trabalho intelectual envolve a capacidade de elaborar e sistematizar ideias por meio da escrita acadêmica própria. Embora Payot desenvolva esse tema de forma mais aprofundada em outra obra, sua reflexão sobre o trabalho intelectual já indica que a escrita constitui instrumento fundamental de organização do pensamento próprio. A elaboração de textos acadêmicos permite ao estudante-pesquisador estruturar argumentos, desenvolver clareza conceitual e explicitar relações entre diferentes ideias. Nesse sentido, a escrita própria funciona como prática de elaboração intelectual e não apenas como meio de comunicação do conhecimento.

As reflexões de Umberto Eco (2017) reforçam essa compreensão ao afirmar que escrever constitui parte essencial do processo de investigação científica. Para o autor, o ato de escrever obriga o pesquisador a organizar suas ideias e a explicitar seus argumentos, permitindo maior rigor na

elaboração do pensamento. Segundo Eco (2017, p. 33), “escrever é uma forma de pensar”, pois o processo de redação exige clareza conceitual e coerência lógica.

A análise das categorias centrais presentes nesta obra de Payot (1921), trabalho intelectual, método de estudo, disciplina do tempo e leitura reflexiva, permite compreender que a formação do estudante-pesquisador envolve a construção de hábitos intelectuais duradouros. O conhecimento científico não se desenvolve apenas por meio de capacidades cognitivas isoladas, mas pela incorporação progressiva de experiências práticas de pesquisa que estruturam a atividade intelectual.

No contexto contemporâneo da formação universitária, marcado pela expansão das tecnologias digitais e pela crescente presença de inteligências artificiais nos processos de produção do conhecimento, essa reflexão torna-se particularmente relevante. Embora tais tecnologias ampliem as possibilidades de acesso à informação e de apoio à pesquisa, elas também colocam novos desafios para a formação do estudante-pesquisador. A facilidade de obtenção de dados pode favorecer práticas acadêmicas superficiais, nas quais o esforço de elaboração intelectual é substituído pela simples reprodução de conteúdos disponíveis.

Nesse sentido, a pedagogia do trabalho intelectual proposta por Payot contribui para recolocar no centro da formação universitária a importância de saber trabalhar metodologicamente, do esforço reflexivo e da disciplina intelectual. Ao enfatizar a organização metódica do estudo, a formação de hábitos de leitura ativa e a prática sistemática da escrita própria, o autor oferece elementos importantes para compreender os fundamentos formativos do trabalho científico.

O aprofundamento realizado nesta seção evidencia que o trabalho intelectual constitui dimensão estruturante da formação universitária. Ao dialogar com contribuições contemporâneas da filosofia da educação, da psicologia da aprendizagem e da epistemologia do conhecimento, torna-se possível compreender que a formação do estudante-pesquisador depende não apenas da aquisição de conteúdos, mas da construção de disposições intelectuais que sustentem práticas acadêmicas rigorosas e reflexivas. Nesse sentido, as reflexões de Payot permanecem atuais ao demonstrar que o desenvolvimento do pensamento científico exige método, conhecimento da realidade, perseverança e compromisso ético com a construção do conhecimento.

4 ESCRITA CIENTÍFICA E A ELABORAÇÃO DO PENSAMENTO PRÓPRIO

Esta seção tem como objetivo examinar a concepção de escrita desenvolvida por Jules Payot na obra, A arte de aprender a escrever (1914), compreendendo a escrita científica como prática formativa essencial para a organização do próprio pensamento e para a consolidação do trabalho intelectual. A análise segue o mesmo procedimento metodológico adotado nas seções anteriores, na identificação de categorias centrais, especialmente clareza conceitual, método de observação, organização do pensamento, estilo e escolha de temas, e na interpretação crítica desses conceitos em

diálogo com contribuições contemporâneas da filosofia da educação, da psicologia da educação e da epistemologia do trabalho científico.

Na tradição universitária, a escrita ocupa posição central na produção e na circulação do conhecimento. Contudo, na formação acadêmica contemporânea, é comum tratar a escrita apenas como etapa final da pesquisa, como se escrever significasse simplesmente registrar ideias previamente elaboradas. Payot propõe uma perspectiva radicalmente distinta ao defender que a escrita constitui parte constitutiva do próprio processo de pensar. Para o autor, escrever implica conhecer a fundo, experimentar, vivenciar, organizar a experiência intelectual, clarificar conceitos e disciplinar o pensamento por meio da linguagem. Nesse sentido, afirma que "escrever bem é, antes de tudo, pensar bem" (PAYOT, 1914, p. 21). A escrita aparece, portanto, como exercício formativo que obriga a mente a ordenar ideias, examinar argumentos e confrontar o pensamento com a realidade experimentada e as exigências da clareza racional.

A estrutura da obra revela a amplitude dessa proposta pedagógica. No Livro I, intitulado, Os princípios, Payot apresenta os fundamentos filosóficos da formação intelectual. Nos capítulos que compõem essa parte: A linha culminante do pensamento humano; Necessidade de uma revolução na educação; A tríplice servidão; Como liberar o espírito? e Libertar-se da deriva pelo confronto com o real; o autor analisa criticamente os limites da educação baseada na repetição mecânica do saber.

Payot argumenta que grande parte da educação tradicional aprisiona o pensamento em formas de dependência intelectual que impedem o desenvolvimento da autonomia. Segundo ele, o verdadeiro progresso intelectual exige libertar a mente da submissão acrítica às autoridades e das ilusões produzidas pela linguagem imprecisa. Nesse sentido, a escrita torna-se instrumento de emancipação intelectual, pois exige que o sujeito examine rigorosamente seus objetivos e suas próprias ideias, orientando conscientemente o percurso do pensamento e evitando a deriva intelectual, isto é, o vagar sem direção no vasto oceano do conhecimento. Como observa Payot, "o pensamento só se torna verdadeiramente nosso quando somos capazes de exprimi-lo com clareza" (PAYOT, 1914, p. 34).

No Livro II, denominado Métodos de observação, Payot desloca a reflexão para os fundamentos cognitivos da elaboração intelectual. Nessa parte da obra, o autor investiga os processos psicológicos que sustentam a capacidade de observar e interpretar a realidade. Nos capítulos dedicados à observação dos fenômenos, à análise das emoções, à percepção das diferenças e à compreensão da causalidade, Payot argumenta que a escrita científica nasce da capacidade de observar o mundo concreto com atenção disciplinada. Para ele, a clareza do pensamento depende da precisão da observação, pois ideias confusas frequentemente resultam de percepções mal examinadas, fora da realidade. Nesse sentido, afirma que "a arte de escrever repousa sobre a arte de observar" (PAYOT, 1914, p. 76). O método de observação atenta e guiada torna-se, assim, fundamento da escrita científica, pois permite transformar a experiência em conhecimento organizado.

O Livro III, intitulado, Os dois ciclos de organização do pensamento, aprofunda a análise da estrutura intelectual da escrita por si próprio. Payot argumenta que o pensamento humano se organiza em dois movimentos complementares: um ciclo de análise, no qual a mente distingue e examina elementos da realidade; e um ciclo de síntese, no qual essas observações são reorganizadas em estruturas conceituais coerentes. A escrita constitui o espaço privilegiado dessa organização do pensamento, pois nela o autor precisa transformar percepções dispersas em argumentos inteligíveis. Nesse processo, a razão exerce função central ao estabelecer relações entre ideias e ordenar o fluxo da reflexão. A escrita científica aparece, portanto, como exercício de racionalidade da realidade observada atentamente, no qual o pensamento se disciplina e se torna comunicável.

A dimensão prática da escrita é desenvolvida no Livro IV da obra, dedicado às orientações concretas para a formação do estudante-pesquisador escritor. Nessa parte, Payot aborda temas como economia intelectual, leitura formativa, estilo e escolha de temas. O autor destaca que escrever exige experiência com a realidade pesquisada, concentração e disciplina da atenção, pois a dispersão do pensamento compromete a clareza da expressão. Para Payot, a leitura atenta constitui fundamento indispensável da escrita, uma vez que é por meio do contato com obras bem elaboradas que o estudante aprende a reconhecer estruturas argumentativas e formas rigorosas de exposição das ideias.

A questão do estilo assume função particularmente relevante nessa reflexão. Para Payot, o estilo não é simples ornamentação retórica, mas expressão direta da clareza do pensamento. Um estilo obscuro frequentemente revela ideias mal compreendidas, enquanto a clareza da escrita indica domínio conceitual. Nesse sentido, o autor afirma que “a obscuridade do estilo denuncia quase sempre a obscuridade do pensamento” (PAYOT, 1914, p. 142). A escrita científica exige, portanto, precisão vocabular, organização lógica e coerência argumentativa.

Essa concepção aproxima-se das reflexões de Arthur Schopenhauer sobre a escrita filosófica. Em, Sobre a escrita e o estilo, o filósofo alemão afirma que a clareza constitui a virtude fundamental do pensamento, pois apenas quem pensa com precisão é capaz de escrever com simplicidade. Schopenhauer observa que “a primeira regra para um bom estilo é ter algo a dizer” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 17), indicando que a qualidade da escrita depende diretamente da qualidade do pensamento. Para o autor, textos obscuros frequentemente escondem ideias frágeis ou mal elaboradas. A convergência entre Schopenhauer e Payot revela uma concepção comum da escrita como exercício de rigor intelectual.

A relação entre linguagem e pensamento também é objeto das reflexões de Ludwig Wittgenstein. Em sua obra, Investigações Filosóficas, o filósofo afirma que os limites da linguagem correspondem aos limites da compreensão do mundo (WITTGENSTEIN, 1999). Essa perspectiva reforça a ideia de que a precisão da linguagem desempenha função central na construção do conhecimento. No contexto da escrita científica, essa concepção implica reconhecer que a elaboração

conceitual depende da capacidade de empregar a linguagem de forma rigorosa e disciplinada. A escrita acadêmica torna-se, assim, espaço de clarificação conceitual e de organização do pensamento.

A reflexão sobre a escrita também pode ser enriquecida pelas contribuições de Roland Barthes. Em, O grau zero da escrita, Barthes argumenta que a escrita não constitui apenas instrumento neutro de comunicação, mas prática cultural que expressa determinadas formas de relação com o conhecimento e com a linguagem (BARTHES, 2004). Para o autor, escrever envolve escolhas estilísticas e epistemológicas que revelam modos de pensar e de interpretar a realidade. Essa perspectiva permite compreender a escrita científica como prática situada historicamente, na qual o estudante-pesquisador constrói sua relação com o saber por meio da linguagem.

No campo psicologia da aprendizagem sobre linguagem e letramento, a escrita tem sido compreendida como prática intelectual fundamental para a organização do pensamento e para a construção do conhecimento. Soares (2002) demonstra que o letramento envolve não apenas o domínio técnico da escrita, mas a capacidade de utilizá-la como instrumento de elaboração cognitiva e participação nas práticas sociais de produção de sentidos. Em perspectiva convergente, Kleiman (1995) argumenta que as práticas de leitura e escrita constituem atividades cognitivas e sociais complexas, por meio das quais o sujeito articula informações, organiza argumentos e constrói interpretações. Rojo (2009), ao discutir os letramentos no contexto educacional contemporâneo, destaca que a produção textual exige processos de planejamento, reflexão e revisão que mobilizam operações cognitivas de análise, síntese e argumentação. Nesse sentido, a escrita acadêmica não se reduz ao registro formal de conteúdos, mas configura-se como prática intelectual que exige organização conceitual, elaboração argumentativa e domínio progressivo de formas discursivas próprias da produção do conhecimento científico.

De maneira semelhante, Dweck (2017) argumenta que o desenvolvimento de competências intelectuais depende da construção de uma mentalidade de crescimento, caracterizada pela valorização do esforço e da persistência. A escrita acadêmica constitui exercício privilegiado desse processo, pois exige revisões constantes, reorganização de argumentos e aprimoramento progressivo do pensamento.

Essas reflexões tornam-se ainda mais urgentes no contexto contemporâneo marcado pela expansão das tecnologias digitais e pela crescente presença de inteligências artificiais generativas na produção textual acadêmica. Embora tais ferramentas ampliem o acesso à informação e possam auxiliar na organização inicial de dados e referências, seu uso acrítico pode deslocar o estudante do lugar de autor para o de simples copista de conteúdos previamente estruturados por sistemas algorítmicos. Nesse cenário, a escrita deixa de ser exercício de elaboração intelectual pessoal e passa a tornar-se mera reprodução de discursos prontos. Como consequência, reduz-se o tempo dedicado à reflexão, à construção de argumentos próprios e à maturação conceitual, comprometendo o desenvolvimento da autonomia intelectual e da capacidade de produzir pensamento e texto original.

Nesse ponto, as críticas de Han (2015) à chamada sociedade do desempenho ajudam a compreender os efeitos da cultura digital sobre os processos cognitivos. Segundo o autor, a multiplicação de estímulos informacionais tende a fragmentar a atenção e a dificultar processos prolongados de concentração. A escrita científica, por exigir reflexão cuidadosa e organização rigorosa do pensamento, constitui forma de resistência a essa lógica de superficialidade cognitiva.

Diante desse cenário, a pedagogia da escrita proposta por Jules Payot revela-se particularmente atual. Ao compreender a escrita como exercício de definição do objeto de estudo, de observação planejada, de experimentação da realidade e de organização racional do pensamento, o autor demonstra que o desenvolvimento intelectual exige disciplina da atenção, clareza conceitual e compromisso com o rigor argumentativo. A escrita científica, nesse sentido, não pode ser reduzida a mera formalidade acadêmica ou reprodução de conteúdos, mas deve ser entendida como prática formativa contínua, por meio da qual o estudante aprende a ordenar ideias, problematizar a realidade e construir argumentos fundamentados.

A análise desenvolvida nesta seção evidencia que a escrita constitui dimensão estruturante do trabalho intelectual e da formação do estudante-pesquisador. Por meio da elaboração textual, o pesquisador em formação aprende a organizar conceitos, estabelecer relações entre problemas e sustentar argumentos consistentes. Tal processo aproxima-se do que Aristóteles (2010), compreendia como formação de disposições intelectuais duradouras, resultantes do exercício e da prática reflexiva. Nesse horizonte, a escrita acadêmica pode ser entendida como atividade formativa que exige tempo, disciplina e perseverança, permitindo que o sujeito desenvolva hábitos intelectuais que sustentam o pensamento crítico e a produção de conhecimento.

Nesse contexto, a contribuição de Payot ultrapassa os limites de uma simples técnica de composição textual, aproximando-se de uma verdadeira ética do trabalho intelectual. Ao enfatizar a disciplina da atenção, o cultivo da vontade e a organização consciente do esforço intelectual, sua reflexão dialoga com a noção foucaultiana de cuidado de si, entendida como prática reflexiva por meio da qual o sujeito aprende a governar sua própria conduta intelectual e a orientar seu processo formativo (FOUCAULT, 2006). Ao mesmo tempo, essa perspectiva encontra ressonância na reflexão de Gaston Bachelard sobre a formação do espírito científico, segundo a qual o conhecimento científico exige ruptura com as evidências imediatas e construção progressiva de hábitos de rigor conceitual. Como observa o autor, “o espírito científico deve formar-se contra a natureza, contra o que é, em nós e fora de nós, impulso e instrução da natureza” (BACHELARD, 1996, p. 18). Assim, a pedagogia da escrita proposta por Payot contribui para compreender a formação universitária como processo de letramento científico no qual aprender a escrever significa também aprender a pensar com método, disciplina intelectual e responsabilidade epistemológica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação buscou analisar quais contribuições o pensamento pedagógico de Jules Payot oferece para a formação do trabalho intelectual e da escrita científica na universidade contemporânea, especialmente no contexto da cultura digital. Para isso, o estudo analisou três de suas obras centrais: A educação da vontade (1895), A arte de aprender a escrever (1914) e Trabalho intelectual: depois da educação da vontade (1921), procurando identificar as categorias e os conceitos fundamentais que estruturam sua pedagogia do trabalho intelectual.

Na seção 2, dedicada à análise da obra A educação da vontade, identificou-se como categoria central do pensamento de Payot a noção de educação da vontade como fundamento do trabalho intelectual. A investigação evidenciou que, para o autor, o sucesso acadêmico não depende exclusivamente de capacidades intelectuais naturais, mas, sobretudo de uma vontade forte, da formação de hábitos intelectuais disciplinados, construídos por meio da perseverança, da organização do estudo e da constância do esforço. A análise dessa obra destacou conceitos fundamentais como vontade, autodisciplina, hábito intelectual e formação do caráter, demonstrando que o desenvolvimento da vida intelectual exige um processo formativo interior que envolve domínio da atenção, administração do tempo e cultivo de disposições mentais duradouras. Ao dialogar com contribuições de Kant, Bourdieu, Foucault, Vygotsky e Zimmerman, a seção demonstrou que a pedagogia da vontade pode ser compreendida como processo de formação da autonomia intelectual e de constituição de disposições cognitivas necessárias ao trabalho científico.

Na seção 3, a análise da obra Trabalho intelectual: depois da educação da vontade, aprofundou a compreensão da dimensão metodológica da formação acadêmica. Nessa parte da pesquisa, o conceito de trabalho intelectual foi examinado como prática metódica de organização do pensamento e da investigação científica. A análise evidenciou que Payot concebe o estudo como atividade sistemática que exige planejamento, contato com a realidade, continuidade do esforço e disciplina da atenção. Entre as categorias centrais identificadas nessa obra destacam-se método de estudo, administração do tempo, leitura reflexiva e disciplina do pensamento. A discussão estabeleceu diálogo com reflexões contemporâneas sobre epistemologia do trabalho científico presentes em autores como Charlot, Morin, Sennett e Severino, evidenciando que a formação do estudante-pesquisador depende da construção de práticas intelectuais que articulam investigação, realidade, reflexão e elaboração conceitual.

A seção 4, por sua vez, analisou a obra A arte de aprender a escrever, destacando a escrita científica como dimensão essencial da elaboração do pensamento. A investigação demonstrou que, para Payot, escrever não consiste apenas em registrar ideias previamente formadas, mas constitui processo ativo de organização e clarificação do pensamento. Entre as categorias centrais identificadas nessa obra destacam-se observação, experiência da realidade, causalidade, organização do pensamento, clareza conceitual e estilo intelectual. Ao dialogar com reflexões de Schopenhauer,

Wittgenstein e Barthes sobre linguagem e pensamento, a seção evidenciou que a escrita científica desempenha função social fundamental na formação do pesquisador, pois obriga o autor a ordenar ideias, desenvolver argumentos e construir interpretações rigorosas da realidade. A análise também incorporou contribuições contemporâneas da psicologia da educação, especialmente de Hattie e Dweck, ressaltando a importância do esforço intelectual e da persistência no desenvolvimento de competências cognitivas duradouras.

Consideradas em conjunto, as três obras analisadas revelam a existência de uma consistente pedagogia do trabalho intelectual no pensamento de Jules Payot. A educação da vontade, o método do estudo e a escrita científica aparecem como dimensões complementares de um mesmo processo formativo, orientado à construção da autonomia intelectual do estudante. A formação universitária, nessa perspectiva, não se limita à transmissão de conhecimentos, mas envolve o desenvolvimento de disposições intelectuais capazes de sustentar práticas acadêmicas rigorosas, reflexivas e metodologicamente consistentes.

No contexto contemporâneo da era digital, essas reflexões assumem importância ainda maior. A expansão das tecnologias de informação e das inteligências artificiais tem ampliado significativamente o acesso ao conhecimento e transformado as formas de produção textual. Entretanto, tais transformações também levantam desafios relevantes para a formação do estudante-pesquisador. A facilidade de acesso a conteúdos e a geração automática de textos pode favorecer práticas acadêmicas superficiais, nas quais o esforço de elaboração conceitual é substituído pela simples reprodução de informações disponíveis. Nesse cenário, a pedagogia do trabalho intelectual proposta por Payot contribui para recolocar no centro da formação universitária a importância da disciplina intelectual, da autonomia do pensamento e da responsabilidade epistemológica na produção do conhecimento a partir da investigação crítica da realidade estudada.

Dessa forma, a pesquisa conclui que o pensamento pedagógico de Jules Payot oferece contribuições significativas e atuais para a análise dos desafios da formação universitária contemporânea**.** Ao enfatizar a educação da vontade, o método do estudo e a escrita reflexiva como fundamentos do trabalho intelectual, o autor oferece importantes subsídios para repensar os processos formativos na universidade de modo crítico e responsável. Em um contexto marcado pela abundância de informações e pela aceleração dos fluxos de conhecimento, a formação do estudante-pesquisador exige, mais do que nunca, a construção de hábitos intelectuais capazes de sustentar práticas acadêmicas rigorosas, críticas e eticamente comprometidas com a produção do conhecimento científico.

Assim, mais do que um conjunto de recomendações pedagógicas sobre estudo e escrita, a obra de Jules Payot revela uma instigante filosofia do trabalho intelectual, na qual vontade, método e escrita constituem dimensões indissociáveis da formação do espírito científico. Ao recuperar esses fundamentos, esta pesquisa evidencia que a formação universitária não pode prescindir da construção

de hábitos intelectuais rigorosos, da disciplina da atenção e da responsabilidade na elaboração do pensamento próprio. Em uma época marcada pela abundância informacional, pela aceleração dos fluxos digitais e pela crescente mediação de sistemas algorítmicos na produção textual, o desafio central da universidade permanece sendo a formação de sujeitos capazes de pensar com autonomia, interpretar criticamente a realidade e produzir conhecimento próprio capaz de melhorar a realidade pesquisada. Nesse sentido, revisitar o pensamento de Payot não representa um retorno nostálgico ao passado, mas uma oportunidade de reafirmar o valor formativo do trabalho intelectual, da escrita reflexiva e da autonomia do pensamento na universidade contemporânea.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. Tradução de J. A. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BACHELARD, Gaston. A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BARTHES, Roland. O grau zero da escrita. São Paulo: Cultrix, 2004.

BOURDIEU, Pierre. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.

CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CARR, Nicholas. A geração superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

DWECK, Carol S. Mentalidade: a nova psicologia do sucesso. São Paulo: Objetiva, 2017.

ECO, Umberto. Como se faz uma tese. 26. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

FOUCAULT, Michel. A hermenêutica do sujeito. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FOUCAULT, Michel. A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982). Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 3: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

GADAMER, Hans-Georg. Verdade e método. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Petrópolis: Vozes, 2015.

HATTIE, John. Aprendizagem visível: uma síntese de mais de 800 meta-análises sobre desempenho escolar. Porto Alegre: Penso, 2017.

KANT, Immanuel. Sobre a pedagogia. 3. ed. Piracicaba: Unimep, 2003.

KENSKI, Vani Moreira. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. 8. ed. Campinas: Papirus, 2012.

KLEIMAN, Angela B. Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

PAYOT, Jules. A educação da vontade. Paris: Félix Alcan, 1895.

PAYOT, Jules. A arte de aprender a escrever. Paris: Félix Alcan, 1914.

PAYOT, Jules. O trabalho intelectual: depois da educação da vontade. Paris: Félix Alcan, 1921.

ROJO, Roxane. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SCHOPENHAUER, Arthur. Sobre a escrita e o estilo. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SENNETT, Richard. O artífice. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

SIBILIA, Paula. Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WITTGENSTEIN, Ludwig. Investigações filosóficas. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

ZIMMERMAN, Barry J. Becoming a self-regulated learner: an overview. Theory Into Practice. New York, v. 41, n. 2, p. 64–70, 2002